

*Discurso na cerimônia de posse dos
comitês assessores da Comissão Nacional
para as comemorações do 5º Centenário
do Descobrimento do Brasil*

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 16 DE DEZEMBRO DE 1997

Excelentíssimo Senhor Vice-Presidente da República, Doutor Marco Maciel; Senhor Senador Antônio Carlos Magalhães, Presidente do Senado; Senhor Deputado Michel Temer, Presidente da Câmara dos Deputados; Senhores Ministros de Estado que aqui se encontram; Senhor Senador Lúcio Alcântara; Senhor Deputado Manuel Castro; Senhores Líderes que aqui se encontram; Senhor Presidente da Comissão para as Comemorações do 5º Centenário, Ministro Lauro Moreira; Senhores e Senhores, principalmente os senhores que vêm de aceitar a designação para participar mais diretamente desses distintos comitês assessores,

Quero apenas reafirmar, como já foi feito pelo Ministro Lauro Moreira, o empenho do Governo da República na realização dessas comemorações do 5º Centenário, de uma maneira que seja marcante. Já disse o Ministro Lauro Moreira que, efetivamente, a coincidência entre a virada do século, que será a partir de 2001, e os 500 anos do Brasil é auspiciosa. E permite que se dê um brilho à comemoração, que de qualquer forma teria o seu brilho por conta própria, e agora acrescido dessa vocação milenar. E nós devemos, por isso mesmo, olhar para o Brasil a

partir de uma base civilizatória que construímos nesses 500 anos, mas, principalmente, olhar para os próximos 500 anos.

Acredito que o sentido, efetivo, desse conjunto de iniciativas não deva ser apenas o de celebração. Deva ser também de desafio. Ao mesmo tempo em que poderemos ressaltar aquilo que é próprio nosso, como uma cultura que foi priorizada de uma maneira híbrida – e eu repito sempre isso – com contribuições de várias raças. Com a capacidade imensa de assimilação cultural, e por isso mesmo sendo uma capacidade de sobrevivermos com uma certa especificidade num mundo que se torna cada vez mais homogêneo, mas que certamente não fará com que as diferenças culturais desapareçam. Senão que, por contrário, essas diferenças culturais serão mais valorizadas, diante da homogeneidade que existe por parte das forças produtivas, neste mundo que foi criado, por nós, aqui no Brasil, com esse encontro, até mesmo de civilizações, criando essa especificidade. Nós temos que buscar as forças para a definição do nosso destino futuro.

Eu acho que esse é o desafio, e é para isso que nós estamos aqui convocando os brasileiros e as brasileiras. E acredito mesmo que, com essa decisão de fazermos doze mostras fora do Brasil, já estamos aceitando esse desafio de uma maneira contemporânea. Ou seja, nós não queremos fazer uma comemoração para dentro, nem queremos nos limitar à comemoração. Queremos mostrar-nos ao conjunto das nações e queremos dizer que estamos dispostos a continuar cooperando nessa nova etapa da civilização, da humanidade mesmo, eu diria. E para isso nós dispomos de recursos culturais próprios. Eu acredito que isso é muito importante de ser valorizado no Brasil.

Acho que nós, talvez, não tenhamos a medida exata de tudo que foi feito nesses 500 anos, e do que já somos hoje. Eu creio que é preciso valorizar mais e mais aquilo que nós somos, efetivamente. Acredito que, sem que se tenha uma atitude que foi de algum momento do passado, de uma espécie de xenofobia compensatória da falta de confiança, nós, hoje, temos confiança, e portando, não precisamos ser xenófobos, senão, pelo contrário, estamos abertos a influências várias. Estamos dispostos a assimilá-las dentro de uma matriz que é nossa, mas

que, exatamente, porque é nossa, nesse sentido plural da nossa civilização brasileira, é uma matriz que não se fecha e que está pronta sempre a incorporar aquilo que de positivo venha de outros povos, de outras culturas. E com essa plasticidade, que é tão própria nossa, nós vamos enfrentar esses desafios com tranquilidade.

Em mais de uma oportunidade eu já me referi ao fato de que eu creio que não são muitas as civilizações e as culturas nacionais que têm as características da brasileira. Algumas têm essa capacidade de absorção. Por certo os Estados Unidos dispõem dessa capacidade de absorção. Mas, talvez, nós tenhamos alguma peculiaridade, mesmo frente ao *melting pot* americano. Eu acho que o verdadeiro *melting pot* é o Brasil. Porque nós, realmente, dissolvemos com mais prazer as diferenças e buscamos – não é a conciliação – é mais que a conciliação, buscamos um caminho comum, sempre que possível. E aquilo que é muito típico nosso. Nós gostamos de ser como somos, com a nossa diversidade racial, cultural, regional. Isso é importante. Nós não queremos impor um pedacinho de nós próprios ao resto do Brasil. Nós preferimos aceitar a diversidade e conviver com ela. E nessa convivência criar uma unidade, que é uma unidade também baseada na emoção.

Em mais de uma oportunidade eu me referi a esse fato de que nós aqui constituímos – não somos os únicos certamente nessa direção – o que eu chamo de Extremo Ocidente. Há o conceito do Extremo Oriente. Nós aqui somos o Extremo Ocidente. Ainda agora, diante dessa crise por que passa a economia mundial, e basicamente a economia asiática, vê-se, de novo, que o conceito de Extremo Ocidente tem valor.

Na verdade, de toda maneira, a base cultural, a base organizatória, institucional e cultural nossa é ocidental, diferentemente de outras regiões, nas quais há, às vezes, uma superposição de certos fatores homogeneizadores que tiveram origem no mundo ocidental, mas que, de repente, quando se vê, não há um casamento lá. Nós somos o Extremo Ocidente. Mas, ao sermos o Extremo Ocidente, nós não somos ocidentais propriamente ditos, nós somos um pouco diferentes daquilo que é a matriz que nos formou. E essa dialética, especificidade nossa e os

fatores uniformizadores ocidentais que estão aqui presentes é que fazem a riqueza da nossa civilização, da nossa cultura brasileira.

Nós não precisamos, porque somos Extremo Ocidente, negar que também somos África, ou negar que também somos civilizações autóctones daqui, porque nós não somos propriamente o Ocidente. Embora a matriz fundamental seja ocidental, eu acho que essas questões – vistas, no modo como nós nos relacionamos uns com os outros, até antropologicamente, um pouquinho diferente do que é no resto do Ocidente – deviam ser valorizadas como alguma coisa positiva e como alguma coisa que nos permite dar uma contribuição mais ampla à humanidade, se eu posso assim me referir, em termos tão vagos e tão gerais. Por certo, no meu modo de pensar, os cânones básicos são ocidentais.

Eu disse, numa oportunidade, que nós – eu sou cartesiano – gostamos da lógica, somos racionais. Mas, eu disse naquela ocasião e repito: com uma pitada de candomblé. Nós nunca somos propriamente, exatamente a mesma coisa a partir da matriz que nos forma. Nós somos alguma outra coisa. A razão aqui impera, certamente; as leis imperam. Mas nós temos sempre alguma coisa que é de emoção também, que é de sensibilidade e que não vai fazer com que a razão desapareça, mas que vai dar uma certa desenvoltura maior ao argumento, ao raciocínio, para permitir que possamos captar, talvez, movimentos não perceptíveis de uma maneira direta, pela pura lógica. E por aí vai.

Acho que nós poderíamos, e eu não ousaria falar diante dos senhores sobre assuntos que eu menos sei, mas seria muito fácil mostrar como isso aparece, assim, na arte, na literatura e até mesmo na ciência. Pelo menos nas ciências menos rígidas, que são as ciências humanas, onde é possível mostrar que muito da nossa contribuição específica foi, precisamente, por termos sido capazes de fazer a síntese entre matrizes de pensamentos que são extremamente racionais e formas mais intuitivas de apreensão do processo cultural, do processo histórico.

Há, portanto, uma enorme gama de temas, de possibilidades, de modos de aproximação para a caracterização do que construímos nesses 500 anos e daquilo para o que nós nos dispomos nos próximos 500 anos.

Eu não queria terminar – e terminarei já – sem me referir, também, que é importante que aqui, neste nosso país, foi possível haver um desenvolvimento tecnológico e científico de muita significação também. O fato de nós ressaltarmos aspectos propriamente mais humanísticos da nossa cultura não deve deixar de lado a contribuição que nós temos sido capazes, também, de acrescentar e desenvolver, no que diz respeito às soluções de questões tecnológicas, de questões científicas. E certamente, para realmente terminar, nós não poderíamos, nesta forma de olhar o Brasil e o Brasil no mundo, esconder nada – nem as injustiças, nem as desigualdades, nem as pobreza; pelo contrário, eu acho que nós devemos, nesses 500 anos, olhando para os próximos 500 anos, dizer: melhoramos um pouco, mas temos muito mais que percorrer. E a primeira condição para que se possa avançar, no bom sentido, na boa direção, é reconhecer o que falta fazer ainda, e falta muito.

Então não creio que essa comemoração deva ter uma característica de disfarçar as nossas deficiências – nem o que eu disse inicialmente, no sentido de valorizar-nos –, mas poderia ser utilizada como um instrumento para mostrar a nossa disposição de enfrentar todas as dificuldades.

Eu agradeço, portanto, aos presentes, ao Presidente Marco Maciel, pela constância na ação, ao Ministro Lauro Moreira e, agora, a todos os que se juntam a esse esforço de cooperação, e como aqui já foi dito, também, só tem significado mais amplo o fato dos 500 anos se ele for absorvido pela sociedade, pela mídia, em particular, pelas universidades, pela sociedade civil em geral e para que nós possamos aproveitar a ocasião para fazer um balanço, generoso por certo – não convém ser muito maldoso com nós próprios – mas, mesmo assim, um balanço que nos motive a fazer mais e mais e mais.

Muito obrigado.

